

RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMENARIO REPUBLICANO

N.º 12 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 11 de Abril de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

Uma data memorável

9 DE ABRIL DE 1918

HA seis anos, em La Lys, os soldados portugueses, batendo-se como heróis ou succumbindo como mártires para que a honra da Pátria ficasse salva, mostravam que o tempo não havia alterado as qualidades da Raça.

Como em Alcácer Kibir, morreu-se, mas devagar.

Recordando as horas trágicas desse dia, horas amassadas em sangue, em lama e em heróicidade, de cabeça descoberta e voltados para a Batalha, onde, sob a abóbada da sala do Captulo, repousa o corpo do soldado anónimo, do herói desconhecido, do português ignorado que, nos campos da batalha, fez da sua epopeia enorme a nossa glória imperecível, dê-se herói tão humilde que até se esqueceu do nome para dignificar um povo, saudemo-lo, reverenciemo-lo, vendo nê o simbolo dos humildes que, cheios de fé e amor pátrio, haquearam nas terras sombrias da Flandres, com os olhos postos na Pátria distante e sagrada.

Glória aos mortos do 9 de Abril!
Mortos gloriosos! Sêde benditos.

Comemorar a Batalha do Lys é indispensável, para proclamarmos a nossa Glória, a nossa consciência de Nação livre e apaixonada pela Verdade e pela Justiça; é a afirmação da nossa vontade de nos conservarmos Nação livre, que quer fortalecer-se pela honra Nacional, pela riqueza e pela bondade.

General Gomes da Costa,

O alto sentido lusitana que animou os nossos homens de armas nos campos da Flandres e da Africa, a intencionalidade bendita que avigorou o braço dos guerreiros que defendiam as cores de Portugal, saam consequência de um motivo muito mais alto para que almas rasteiras ou vis o possam atingir.

General Norton de Matos,

PÁTRIA:

Literatura e beleza; simplicidade e sentimento; verdade e amor; poesia e saudade — eis o que foram as derradeiras frases da conferência realizada na Sociedade Martins Sarmento pelo douto e ilustre escriptor Ex.º Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, cuja palavra sentida e sincera, prendeu e comoveu toda uma assistência que religiosamente ouviu S. Ex.º.

Não! a pátria não é o resguardo de uma alfandega, nem o fetichismo de façanhas militares e arrojados de navegações. Não é o bramir de ufânias, ou um código de leis, ou um sistema de instituições ou a hierarquia do governo — coisas estas por demais eivadas de caducidade para que possam significar um poder religioso.

A pátria é um retalho do chão e uma voz, uma paisagem e uma lingua, é o adejar da ave e a majestade das rochas em seu trono de montanhas, e o gorgueio do peito igual ao nosso, e o sussurrar das águas e das brizas que nas frondes silvestres murmurarem: — a pátria é um facto da natureza e um dom divino, um modo de ser espiritual e a sua expressão, o segredo de affectos recatados, uma saudade e uma estética, uma contemplação e um conforto, um fluxo da beleza da terra e uma graça do coração.

«Para a maioria dos homens, a paisagem da terra natal é aquela parte da herança que mais indissolúvelmente sentem pertence-lhes.» (H. A. S. Ficher). Nos lamentos do exílio, o bardo popular

ingénuo, mourejando em terras da América, ao cantar as saudades nas folhas que juntou no bernal, sentia-se «uma rosa sem jardim». Dorido, rememorava quanto na pátria tinha e, longe, lhe faltava — manhã serena, rouxinóis e o céu azul; andorinhas, telhados; trepadeiras «correndo do pé ao galho»; e as borboletas, e o gaio, e a cotovia; e o sol «ao cair da tarde»; e aquelas serras donde a aurora surgia e a claridade. Lá tinha «a relva por leite»; e o «arvoredo era seu peito»; as flores «o coração»; e os pinheirais eram «os braços», e os salgueiros eram «laços», e eram «lagrimas» as fontes, e a floresta «um sorriso». Vinha morrer no seu lar. Deus dele «tivesse dó», para não morrer na escuridão. Deus lhe desse «por cemitério o bosque» e «o musgo por mausoleu.»

Esta é a pátria que o espirito e o coração de Alberto Sampaio habitaram, esta é a pátria que ele contemplou e serviu. E esta é a pátria que entre a claridade dos trofeus da nobreza que a enaltecem, recebe e guarda a memória de Alberto Sampaio.

9 DE ABRIL

Um ano mais passado sobre o dia tremendo de La Lys não apaga em mim a recordação do que sofri e lutei pela minha Pátria.

No dia de hoje vivo um pouco aquela vida intensa da guerra, a vida dos sobressaltos e das preocupações, aquela vida que sobrenadava em sangue e em metralha, aquela vida que era o sacrificio constante, a saudade permanente. Sacrificio pela Pátria, saudade da Pátria.

Perante a intensidade da metralha, o desabar do ferro e do aço, o crepitar seco das metralhadoras e o troar apavorante das artilharias podia o soldado português sentir-se pequeno, átomo perdido na imensidade da luta ciclóptica. Mas a saudade recordava-lhe a Pátria e com Ela a obrigação do sacrificio. E então foi vê-los enormes e heróicos a desafiar os perigos, a lançarem-se na luta ardente, maiores na sua alma de soldados de Portugal que o esfôço gigantesco dos inimigos.

E então foi vê-los, os serranos saudosos e pequeninos, afrontarem com o mesmo heroísmo dos seus antepassados, a avalanche enorme que esmagava, que trazia a morte. E então foi vê-los, esses filhos do País que mais trabalhou pela civilização, a baterem-se nobremente contra os novos bárbaros.

Na Flandres e na Africa, sangue generoso de heróis portugueses ensopou a terra e como semente bendita que nunca se perde, fez desabrochar, para embelezar a História de Portugal, novas flores de coloração vivíssima e de perfumes sublimares. E aquela saudade que lhe foi mortalha aos corações, rodeia hoje a bard. ira da Pátria, como

Este dia...

(Ao Tenente Juntário L. de Sousa, meu amigo).

Há dias na vida dos povos que valem bem um século de glórias e orações, de esplendores e triunfos; dias que fulguram num horizonte de fogo, por sobre um mar de sangue e cadáveres, como um astro rutilante que, dissipadas as trevas da tempestade, viesse luzir num céu de bonança, respirando redenção e alívio aos naufragos, cansados de lutar contra o furor das vagas.

E, para bem se diga, a nossa Pátria pode, levantando, ativa e orgulhosa, a fronte veneranda, mostrar aos outros povos uma fileira extensíssima de datas brilhantes e épocas de exemplos pátrios.

Pode e deve fazê-lo, com a consciência de si, e do seu valor esforçado; pode e deve, porque o mundo, que sempre a respeitou e teme, não terá por certo a ousadia estulta de rir, quando ela vem afirmar categoricamente a fama da sua independência e nacionalidade, o brilho do seu viver!

Para o atestar lá estão como padrões inabaláveis, Ourique,

testemunho imperecível do muito que a amaram.

Mortos do 9 de Abril, mortos da Flandres, mortos da Africa inclemente, mortos queridos de Portugal, sêde benditos, como benditos são os mortos de Aljubarrota e de Diu, de Montes Claros e Marracuene.

Conquistastes para vós a immortalidade gloriosa dos que tombam no campo da Honra e para a Pátria a glória imensa!

Sêde benditos pelo sacrificio que fizestes, pela saudade que sentistes!...

Lêdeco.

Gerneja, Tolosa, Tarifa, Aljubarrota, Ceuta, Alfarrobeira, Badajoz, Castelo Rodrigo, Bussaco, Mendelo, e tantas outros que, a enumerá-los, escassaria o tempo e o espaço...

O dia 9 de Abril de 1918 data tão esplendida quanto involvidavel apresenta-nos uma síntese completa de caracter português deste povo que nunca afrouxou em esforços nem desanimou em valor, quando a sua independência ameaçada ou a sua liberdade vacilante lhe vem fazer apelo à proteção e coragem.

A nossa Pátria, com effeito, possui em momentos de paz, a mansidão e a ternura dum apanha em arrolhos de amor mas, quando a hostilidade peçonhenta do inimigo a fere, então tem ímpetos de ferocidade e bravura em plena luta selvagem!... Cega se, desvaia se e lança se, sem cobardias nem receios! Não serão boas as armas, mas sua coragem e fé são indomáveis!

Nono quiz o Governo da Republica deixar despercebida para a nobilíssima Guimarães esta memorável data, tão ligada com a historia, vindo condecorar em breve com a Cruz de Guerra a heroica bandeira do seu Regimento, e fez bem.

Paga nesse dia mais uma dívida do gratidão e homenagem, mostrando assim quão nobre é o batalhar pela Patria e vê-la depois, agradecida, coroar as frentes dos seus Heróis com o diadema fulgurantissimo da Glória!

Guimarães, fazendo esta festa, esta demonstração merecida,

VIA-SACRA

In illo tempore acompanhado de soldados que o martirisavam e da população que o insultava, chegou Jesus ao alto do Calvário, vergado sob o peso da cruz que lhe havia de ser o leito derradeiro na sua derradeira agonia. Despojaram-o da túnica, arrancaram-lha, e jogaram-a à sorte — *diviserunt vestimenta ejus, millentes sortem super eis.*

Pregado na cruz levantaram-o entre dois ladrões, como mais criminoso que eles. E diziam-lhe: *Tu que destróis o templo de Deus em três dias porque não desces de aí e te salvas?*

Era o sarcasmo aliado à cobardia. Jesus teve sede e deram-lhe uma esponja embebida em fel e vinagre. Às trez horas Jesus expirou.

Terminou o martírio injusto para o Justo. Aquele bôca que só pregou o bem, o amor e o perdão emudeceu deante dos que só gritavam odio, vingança e morte. *Consumatum est.*

* *

Nes'e tempo os monarchicos a cada passo gritam o odio á Republica. Crivam-na dos peores insultos e assacam-lhe as maiores vilanias. Arrastam-a para o calvário das suas tradições e depois de a acusarem, de a desacreditarem no estrangeiro, dizem-lhe, *salva-te se és capaz.* Constituiram para ella uma cruz pesada, com as suas calunias os seus improperios, e os seus ataques. Assacam-lhe os seus proprios crimes, e cada noite que se deitam, elles imaginaram ver, no calvário que crearam, a Republica crucificada e morta.

Fizeram no Monte Pedral a traulitania e declararam morta a Republica aos quatro ventos. Assassinarão, perseguirão, vexarão alguns dos seus adeptos.

E, como outrora os judeus em Jerusalein, tripudiavam sobre a bandeira da Republica rasgando-a, queimando-a e escarrando-lhe a baba da sua vingança. Foi a orgia do seu odio.

In illo tempore e neste tempo.

EMILIO.

Será possível?!

—Que um categorizado catolico, tão pratico e militante, que até tem capelão em casa, profirisse, a propósito duma suposta visita do snr. Arcebispo a sua casa, uma frase pouco digna das suas crencas e do seu logar na sociedade?

—Que a virtude de certos catolicos seja tão grande que chegassem a adivinhar que no domingo chovia de forma a não poder sair a procissão de Passos a que o mesmo snr. Arcebispo devia presidir?

—Que, sendo no ano antecedente a ameaça de chuva muito maior e mais mitida, os tais *bon-daguas* não fossem tão cautelosos, deixando sair a procissão?

(Seria com o recio de deixar molhar o snr. Arcebispo?)

—Que o «Comercio», que não gosta de questões, nos responda a isto?

não faz nada de mais. Cumpre apenas, o dever de gratidão que deve ao seu Regimento.

Descubram-nos a cui vemos nos respeitosa deante de aqueles ousados peltos, deante d'aqueles «fourragers» enobrecidos pela batalha de La Lys; beijemos-lhes as fardas, porque já nelas correu o sangue nobre!

Guimarães, 9 de Abril de 1924.

A. Ferreira.

Quadras soltas

POR

Heitor de Almeida

Saudades são balaladas
Dum sino... — do coração —
Que o eco dos tempos volvo
Em dôes repetição...

Ontrora tive um rosário
—Erra contos, negrias...
De tanto rosar quibrei-o,
Foram se as contas... perdi-as.

Meus olhos são dois guerreiros
Em lutas sempre envolvidos,
Mas só registam vitórias
Sempre que ficam vencidos!

Deixou a mô do moinho
De moer, por falta d'agua...
—Bem sócos trago meus olhos
E sabe Deus minha mágua!

Os grandes empreendimentos coloniais

Pelas suas tradições de paiz colonizador e pelo lugar que ainda hoje occupa entre as primeiras potencias coloniais, Portugal tem o dever ingente de não hi otecar a outrem os seus direitos de livre existencia, mantendo-se pelo seu esforço proprio, para o que não lhe faltam os precisos elementos.

O passado deve servir-nos de incentivo no presente para olharmos o futuro, preparando o terreno e lançando a terra a semente que ha-de aproveitar as gerações vindouras.

Este dever, de que cada cidadão partilha, numa quota parte, a todos se impõe igualmente como prova de civismo. Acima de todas as facções politicas e de todos os credos religiosos, outro valor mais alto se alevanta, qual é o do resurgimento da Patria.

Cada um dentro da sua esfera de acção e consante as suas posses, deve auxilii r todos os empreendimentos tendentes á finalidade acima exposta.

Para concretizarmos as nossas palavras apresentamos o exemplo da Sociedade Agricola Industrial de Angola.

Este organo mo perfeitamente integrado nos modernos processos de colonização, e compreendendo bem o alcance da grande obra de administração devida ao esforço intelligente do Aito Commissario General Norton de Matos, marcou de-de o seu inicio uma firme directriz a todos os seus trabalhos, no sentido de aliar os interesses proprios da Sociedade e dos seus colaboradores, aos interesses da provincia de Angola, donde tanto ha a esperar para a beneficiação economica do Paiz.

E assim, ao lado do estudo aprofundado de todos os problemas relacionados com a sua exploração agricola e industrial, a Sociedade Agricola Industrial de Angola tem elaborado um vasto programa de colonização, tanto no que respeita ás condições a estabelecer para a fixação do colono europeu, como ao aproveitamento e apefeiçoamento das aptidões indigenas.

Empresa de largo futuro, com todas as condições para garantir uma boa remuneração ao capital, justo é que se lhe dedique a nossa atenção, visto que ella representa um trabalho honesto e conscienciosamente organizado.

Lêde e propagai

“A RAZÃO,”

Semanário republicano.

CONFERÊNCIA BRILHANTE

Realizou-se no dia 7 do corrente, pelas 21 h2 horas no Salão da Sociedade Martins Sarmento, a annunciada Conferência do Ex.^{mo} Snr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, intitulada—Alberto Sampaio e o significado dos seus *Estudos* na interpretação da historia nacional.

Dizer o que foram esses momentos de intenso prazer espirital que vivemos, é talvez pesado encargo para quem, como eu, não tem uma bagagem literaria, nem sequer dotes suficientes para ter a liberdade de formular uma opinião.

Consolider a verificar que, apesar dos calamitosos tempos que vão correndo em que os bons hábitos se estão esvaindo, em contraste com o progressivo aumento das más prendas, ainda há quem não deixe a lingua portuguesa afundar-se nesta manifesta decadencia. Em dialectica simples mas luzida, tentou e conseguiu o illustre escritor despertar a atenção dos seus ouvintes, tornando as suas palavras accessiveis ao entendimento de todos.

S. Ex.^a, um simpatico ancão que nos fez lembrar com as suas longas barbas brancas, caindo-lhe sobre o p-ito, uma daquelas figuras de bondade, amor e modestia, que as avós nos apresentaram em tom meigo nos tempos belos e serenos da infancia, em que as suas historias nos embriavam nos braços de Morfeu, S. Ex.^a subiu o estrado com a mesma modestia e simplicidade com que saudara aqueles que iam ter a grande felicidade de ouvir a sua palavra fluente.

Sempre o mesmo sorriso de bondade, sempre o mesmo olhar de sinceridade! Deu S. Ex.^a começo á sua brilhante conferencia, declarando que faltara ao juramento que a si proprio fizera de um recitamento profundo aliviado sómente pela leitura dos seus livros unicas flores do jardim em que vive o melhor da sua existencia. E faltara á sua palavra! Faltara ao seu juramento, porque a memoria de Alberto Sampaio que tanto estimava e com quem tanto convivera, era para si tão sagrada como grandiosa. Por isso viera ali prestar-lhe homenagem devida por merecida, ensinando áqueles que o desconheciam a sua obra imortal, e provando aos que o ignoravam a rectidão do seu limpido e integro caracter! Faltara a todo o promittido, só por honrar a memóri do Amigo que fora Alguem. Apresentou-nos então o valor da toda a obra historica de Alberto Sampaio, dizendo-nos que os seus *Estudos* foram até hoje o mais valioso elemento da verdadeira concepção da Historia Nacional. Sabe a criança que estuda nas escolas, diz S. Ex.^a, que o paiz alargou as suas fronteiras, só porque um rei houve que se chamou o «Conquistador»; que a nação se povoou,

apenas porque um rei appareceu apelidado de «Povoador»; que a Patria teve uma epoca de riqueza imensa e de grande esplendor, porque um rei surgiu intitulado o «Venturoso». Quer dizer: tem-se estudado e ensinado apenas uma Historia individualista, uma historia de reis e apellidos. Quem conquistou, quem cultivou, quem enriqueceu—Portugal? Só o rei por ter sido ousado, educado ou feliz? Não. Foi o povo, foi a plebe, foi a grei que fez a Historia de Portugal. Temos portanto, graças ao formidavel trabalho do Dr. Alberto Sampaio, uma apresentação da historia colectiva ou da grei, a contrapor-se á historia individualista ou do rei.

Alongando-se ainda na análise de todo o trabalho de Alberto Sampaio, S. Ex.^a abordou a Historia de Herculano, fazendo sobre a sua monumental obra, valiosissimas considerações, que a pequenez do nosso semanario não comporta. Deu-nos S. Ex.^a em seguida a leitura de brilhantes paginas de literatura que constituiram talvez a parte mais importante da sua conferencia, tendo finalizado com um verdadeiro hino á Patria, mimo este de literatura que a gentileza do brilhante escritor consentiu que fosse ins-rito neste jornal e que a amabilidade do querido Director de «A Razão», originou que fosse transcrito nas primeiras columnas deste semanario—como homenagem literaria—porque ao muito e fecundo saber de S. Ex.^a, devem as letras patrias um grande quinhão do que melhor existe.

Era ao Dr. David d'Oliveira, o erudito professor que pela Historia da nossa adorada Patria tem um tão entranhado culto, uma tão profunda admiração, era a David d'Oliveira, quer pela sua grande competencia em assuntos historicos, quer pelo seu conhecimento das obras do Dr. Magalhães Lima, a quem cabia a apreciação da sua maravilhosa conferencia. A sua amizade, que muito me honra, de novo se manifestou, doando-me o encargo de um trabalho para o qual me faltam as forças intellectuais e literarias, embora de todo me sobeje a vontade.

S. Ex.^a o Dr. Magalhães Lima que me ha-de ler, que me perdoe se não pude abranger, como era mister, o belo significado das suas palavras ou mesmo se muito mal as entendeu a minha infucunda e escassa intelligencia. A boa vontade em compreendê-las, a veneração que sinto pelo seu caracter, que bem conheço, e o infinito respeito pelo seu nome de escritor e pela sua obra de illustrada grandeza, não são talvez predicados que bastem para uma boa apreciação de tudo o que S. Ex.^a disse, e que para mim foi tão proveitosa lição pois que muito e muito aprendi naquelles poucos momntos que tão depressa se passaram.

H. C.

Incêndio num cinema

Numa cidade do Mexico, cujo nome não recordamos agora, mas que os jornais noticiaram, manifestou-se um violento incendio que vitimou trinta e tantas pessoas.

Se o desastre tivesse acontecido em terras de Portugal, por exemplo numa cidade do Minho muito conhecida por não ter, ao menos, um hotel *tem-te não coias*—não caías em impingir sempre os mesmos *menues* e deixar ao abandono a limpeza das camas e respectivos colchões—numa cidade onde as casas de diversão tanto e tanto deixam a desejar e ás quais o publico mais prudente

apelida de autenticas ratoeiras, numa cidade cujo nome ocultamos pelo muito que lhe queremos, quantas vitimas teriam os jornais a lamentar!...

Quantas!...

Numa cidade em que todos disem á boca cheia que qualquer noite grave acontecimento ocorrerá e onde uma grande parte dos seus habitantes, dos seus habitantes mais imprudentes, quasi disputam a murro e por alto preço as entradas para admirarem *filas* extraidas de alguns romances sem pés nem cabeça ou historietas da Garochinha, ou ainda da vida da princesa Magalones!...

Numa cidade onde reinou sempre a mais absoluta indiferença

por tudo quanto diga respeito a embelesamento local e onde, para cúmulo de vergonha(!!!), existem ao mais censuravel abandono as pedras que hão-de constituir o monumento que terá de recordar, ás gerações futuras, dois nomes illustres cujo feito, ainda não ha muito, assombrou o mundo inteiro!

Numa cidade onde as autoridades veem permitindo casas de espectáculos que não resistem, juramo-lo, a qualquer vestoria conscienciosa e honesta.

Numa cidade em que todos ou quasi todos vivem exclusivamente para si, sem se importarem com a terra onde nasceram e onde hão de viver seus filhos.

Numa cidade, enfim, onde o progresso de embelesamento tem andado a passo de boi e os criticos, por tudo que sejam nobres iniciativas, relicham sempre a sua maledicencia.

Reinham... e firmam-se nas diánteras...

Condecoração da Bandeira de Infantaria 20

A convite de S. Ex.^a o Snr. Comandante de Infantaria 20, reuniram, no dia 8 do corrente, na Sede da Associação Commercial, as commissões que ficaram nomeadas para ser levada a efeito a festa da condecoração da Bandeira deste Regimento.

Apresentou-se e discutiu se a marcha de todos os trabalhos e, depois de varios oradores terem exposto a sua opinião, ficou definitivamente resolvido que os festejos se realisassem na 2.^a quinzena do proximo mez de Maio.

Igualmente se constituiu uma commissão de trez membros da qual fizeram parte os snrs. Comandante do Regimento e Presidente da Associação Commercial, para ser convidado a assistir ao grandioso acto da condecoração da Bandeira do 20 o Ex.^{mo} Snr. Arcebispo de Braga.

Recebeu S. Ex.^a Rev.^{ma} com todas as atenções aquellas individualidades ás quais manifestou o seu apreço e agradecimentos, prometendo honrar com a sua presença o patriótico acto que em Maio terá a sua efectivação.

Vida associativa

Partido Republicano Radical — Comissão Distrital de Lisboa — Nota officiosa

Na sua reunião extraordinaria de hontem, para apreciar uma local vinda a publico no jornal «A Capital» acerca de um pertenso Congresso extraordinario a realizar pelo Partido Republicano Radical, resolveu protestar com energia contra a malévola intenção que essa tendenciosa noticia, dada propositadamente ao referido periodico, pode visar, pois que a Comissão Distrital de Lisboa, ponderando a marcha normal e cada vez mais ascencional do Partido, não vê razão alguma para a realisacão de um Congresso extraordinario, pois se alguém o deseja, só por uma extensa miopia, está servindo fins reservados dos inimigos do Partido.

A Comissão Distrital de Lisboa, obediente como sempre aos preceitos da disciplina partidaria, procurará combater por todas as formas a organisacão, que supõe ficticia, do referido Congresso, e chamar a atenção para as Comissões Municipais sob a sua jurisdicção, assim de que não sirvam de instrumento, para a realisacão de fins, que no momento que passa, só podem perturbar a marcha triunfante do Partido Republicano Radical.

Dezta Nota Officiosa, foi dado conhecimento ao Directorio do Partido.

A Comissão Distrital de Lisboa.